

MANICÔMIO E FAMÍLIA: UMA DIFÍCIL RELAÇÃO

Andréia de Cássia C. da Silva, Edinéia Marques G. da Silva, Juliana da Silva Costa, Suely Soares Canoff. Professora Orientadora Mestre Rita Meurer Victor.

RESUMO

Trabalhar esse tema decorre de nosso interesse em compreender essa relação, por este ser um tópico de suma importância para a psicologia. O artigo se estrutura da seguinte forma: a primeira parte fará um breve histórico da loucura e assistência psiquiátrica, a segunda sobre instituição total, a terceira sobre o processo histórico da família. A história do manicômio mostra que a atenção reservada à família não existia, sendo relativamente recente essa relação. Eram somente as instituições que respondiam pelas necessidades de cuidados prestados aos doentes mentais, a interação entre instituição, paciente, família e comunidade se encontravam incipiente. O problema era colocado sempre fora, em um espaço distante, alheio ou estranho, o que pode ser interpretado como indicio do real afastamento frente à consideração do processo saúde/doença, havendo olhares voltados apenas à doença, não contemplando a pessoa com sua história e seu contexto. Nosso objetivo é esclarecer aspectos históricos e atuais da assistência à família do indivíduo portador de transtorno mental, compreendendo de como se dá essa difícil relação manicômio e família. O método escolhido foi à pesquisa de caráter teórico/bibliográfico. Concluímos que existem duas situações emergentes, a primeira que retrata o resquício de tratamento do manicômio que continua com um olhar direcionado para o paciente. A segunda situação é a família do portador de transtorno mental, que pelo sofrimento psíquico, pessimismo e o desencorajamento, frente à incapacidade de ter subsídios para o tratamento em casa, ela passa a ocupar um lugar de auxílio à eficácia no tratamento após a internação. Algumas renegam seu doente mental ao extremo, por não querer mais manter um convívio de qualquer natureza, deixando-o em pleno abandono. Considerando que a família é um braço do serviço de saúde mental, sendo este um movimento de quebra de paradigma, pois antes o doente mental era de responsabilidade do Estado, que ensinou a sociedade que lugar de louco é no manicômio, situado em lugares afastados das cidades, com a ideia ainda higienista, que esse louco não deveria ter convívio social. Há séculos tem sido instituído na sociedade, que a família do doente mental tem um lugar específico para o seu louco, “o manicômio”, sendo que após a Reforma Psiquiátrica, esse familiar é convocado para se responsabilizar pelo seu doente mental, o Estado agora quer a sociedade empenhada em receber e socializar o indivíduo com transtorno mental, mas como quebrar esse paradigma há séculos instituído na sociedade, que ainda hoje não sabe o que é transtorno mental, uma sociedade que ainda não tem subsídios de uma rede psicossocial que realmente funcione, uma sociedade que não aprendeu a lidar com o diferente, essa reflexão não tem o intuito de culpabilizar ou responsabilizar o Estado, mas de repensar as dificuldades dos familiares de indivíduo com transtorno mental.